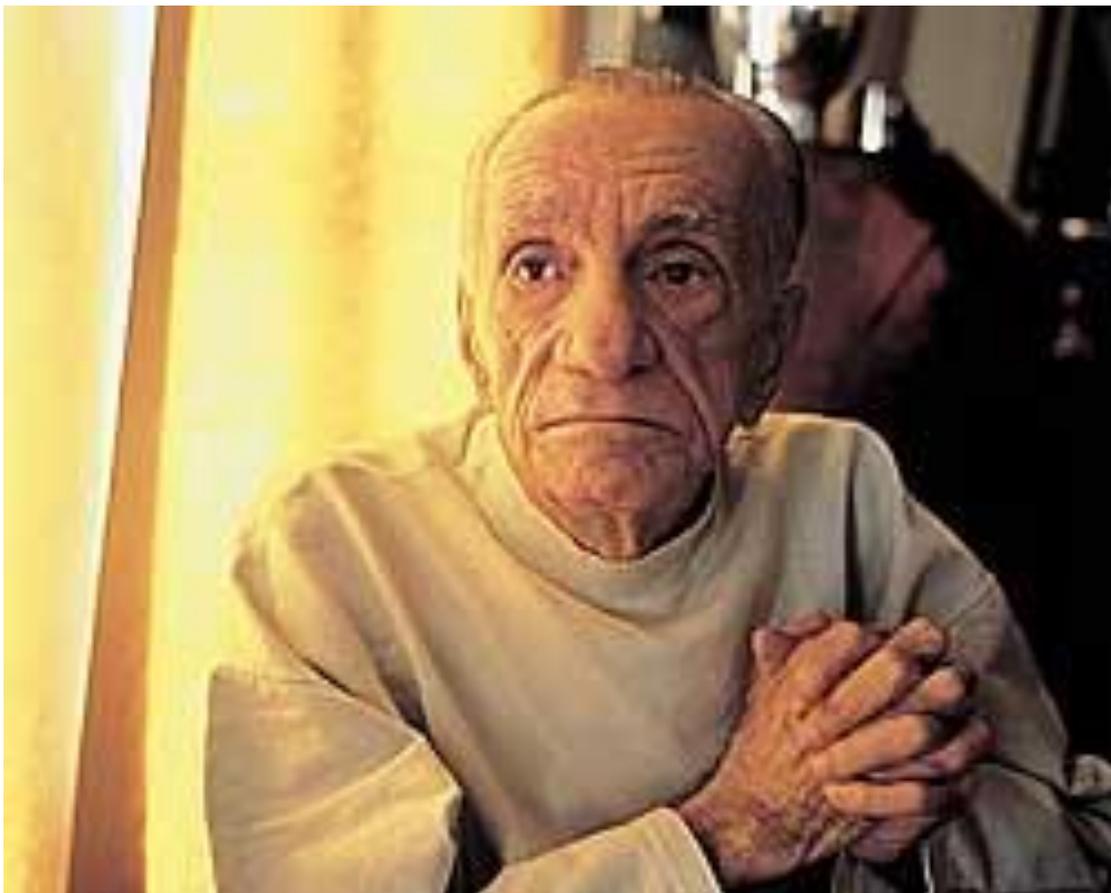


JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Prof^ª. Mari
Literatura

João Cabral de Melo Neto



Catar feijão

*Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.*

*Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.*

João Cabral de Melo Neto

Foi **Poeta** e **Diplomata** Brasileiro.

Sua obra poética, que vai de uma tendência surrealista até a poesia popular, porém caracterizada pelo **rigor estético**, com poemas **avessos a confessionalismos** e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil.

João Cabral de Melo Neto, também chamado **poeta-engenheiro**, tendo em vista **o cálculo, a lapidação e a objetividade de seu trabalho com os versos**, foi primeiro brasileiro a vencer o **Prêmio Camões**, o autor desenvolveu um estilo próprio e pertence à Geração de 45 – Terceira Fase do Modernismo Brasileiro.

O **Prêmio Camões**, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988, é atribuído a autores que contribuíram para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural da língua portuguesa.

O ENGENHEIRO

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.

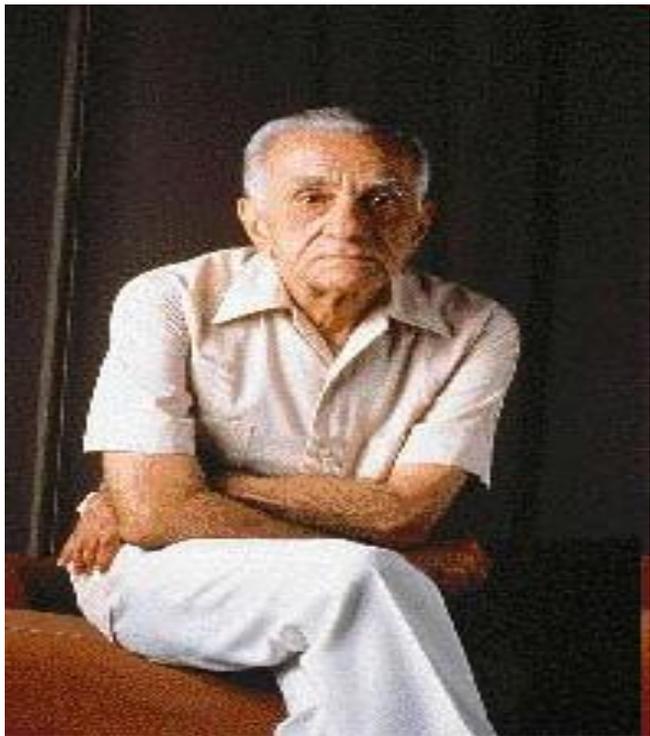
João Cabral de Melo Neto

- Nasceu na cidade de **Recife - PE**, no dia 09 de janeiro de 1920, segundo filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo.
- Passa a infância em **engenhos de açúcar**.
- Em 1937, obteve seu primeiro emprego, tendo depois trabalhado no **Departamento de Estatística do Estado**.
- Em 1940 viaja com a família para o **Rio de Janeiro**.
- **1942** marca a **publicação de seu primeiro livro - *Pedra do Sono***.

- Convocado para servir à **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**, é dispensado por motivo de saúde. Mas permanece no Rio, sendo **aprovado em concurso** e nomeado Assistente de Seleção do DASP (Departamento de Administração do Serviço Público).
- **Faz concurso** para a **carreira diplomática**, para a qual é nomeado em dezembro. Começa a trabalhar em 1946, no Departamento Cultural do Itamaraty, depois no Departamento Político e, posteriormente, na comissão de Organismos Internacionais.
- É removido, em 1947, para o **Consulado Geral em Barcelona**, como vice-cônsul. Adquire uma pequena **tipografia artesanal**, com a qual publica livros de poetas brasileiros e espanhóis. Nessa prensa manual imprime ***Psicologia da composição***.

- Em fevereiro, casa-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira, no Rio de Janeiro. Em dezembro, nasce seu primeiro filho, Rodrigo. Nos dois anos seguintes ganha dois filhos: Inês e Luiz, respectivamente.
- Residindo na Catalunha, **escreve seu ensaio sobre *Joan Miró***, cujo estúdio frequenta. *Miró* faz publicar o ensaio com texto em português, com suas primeiras gravuras em madeira.

Joan Miró foi um escultor, pintor, gravurista e ceramista surrealista espanhol.



- Removido para o Consulado Geral em **Londres**, em 1950, publica ***O cão sem plumas***.
- Dois anos depois **retorna ao Brasil** para responder por inquérito onde é acusado de subversão.
- Duas alegrias em 1955: o nascimento de sua filha Isabel e o recebimento do **Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras**.
- Removido para **Barcelona**, como cônsul adjunto, vai com a missão de fazer pesquisas históricas no Arquivo das Índias de Sevilha, onde passa a residir.



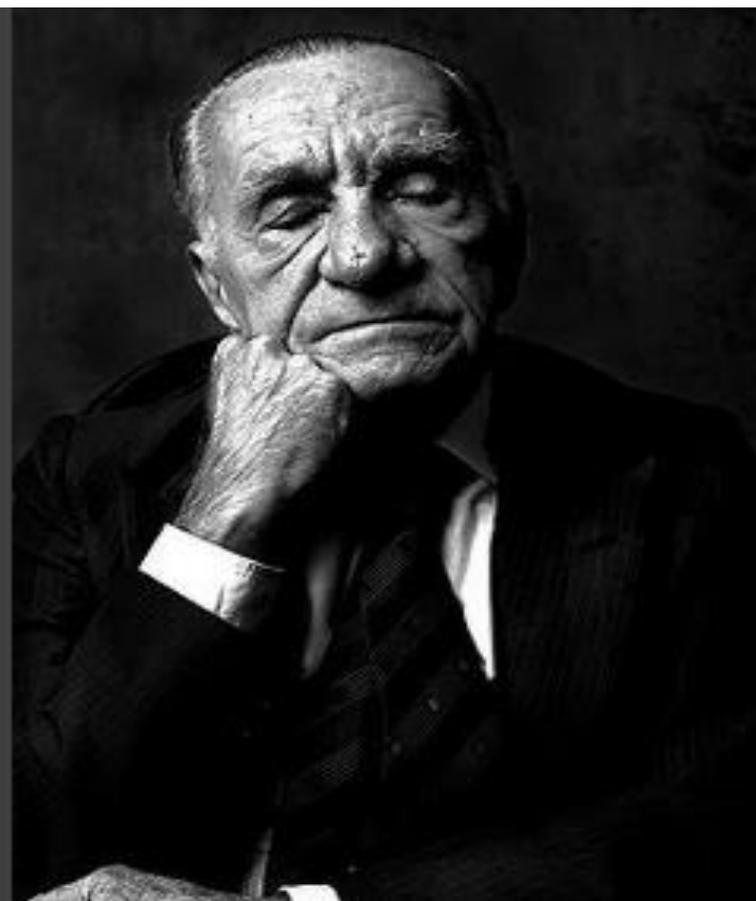
- Toma posse na **Academia Brasileira de Letras** em 06 de maio de 1969, na cadeira número 6.
- A *Companhia Paulo Autran* encena ***Morte e vida severina*** em diversas cidades do Brasil.
- É removido para a embaixada de **Assunção, no Paraguai**, como ministro conselheiro.

- **É nomeado embaixador em Dacar**, no Senegal, cargo que exerce cumulativamente com o de embaixador da Mauritânia, no Mali e na Guiné-Conakry.
- Em 1974 é agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco. No ano seguinte publica *Museu de Tudo*, que recebe o Grande **Prêmio de Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte**. É agraciado com a **Medalha de Humanidades** do Nordeste.
- **João Cabral** era atormentado por uma dor de cabeça que não o deixava de forma alguma. Ao saber, anos atrás, que sofria de uma doença degenerativa incurável, que faria sua visão desaparecer aos poucos, o poeta anunciou que ia parar de escrever.
- Conforme declarações de amigos, escreveu o discurso de agradecimento feito pelo autor ao receber o **Prêmio Luis de Camões**, considerado o mais importante prêmio concedido a escritores da língua portuguesa, entre outros.

A vida não se
resolve com
palavras.

João Cabral de Melo Neto

“ PENSADOR



-
- Como não admirava a música, o autor **foi perdendo também a vontade de falar** ("Não tenho muito o que dizer", argumentava).
 - Era, sem dúvida, o nosso **mais forte concorrente ao Prêmio Nobel de Literatura**, com diversas indicações dos mais variados segmentos de nossa sociedade.
 - **Aos 79 anos, apaga-se a voz de significação universal**, com a singularidade do seu verso.

Na Europa, Cabral desenvolveu vasta produção literária e nunca se esqueceu de Pernambuco, além de manter contato com intelectuais e artistas brasileiros que o visitavam no exterior ou trocavam correspondência com o poeta.

Tensões e encontros: do litoral com o sertão, da Zona da Mata com o agreste, o encontro dos rios Beberibe e Capibaribe, e destes rios com o mar e também de duas cidades de países distintos: Sevilha, na Espanha e Recife, em Pernambuco.

A Espanha estava vivendo um dos períodos mais difíceis do regime ditatorial do General Francisco Franco .

João Cabral era um crítico extraordinário e, com sua **visão marxista**, procurava **influenciar grupos de artistas** na produção de uma arte mais humanista e menos apegada às correntes de vanguarda da época.

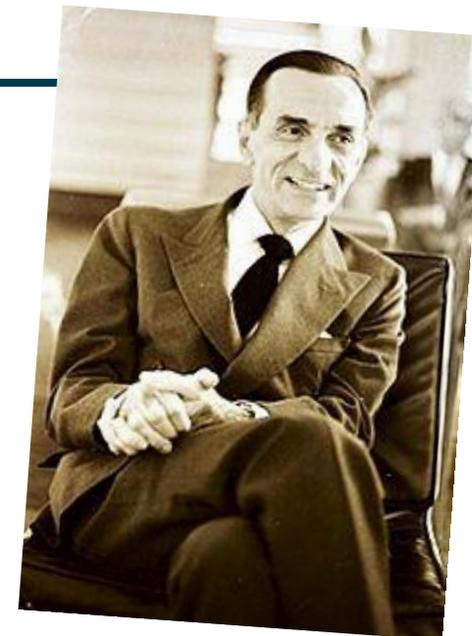
Em Barcelona, ao lado das **artes plásticas**, o **amor pelas artes gráficas** se tornou tão manifesto que o poeta adquiriu uma pequena tipografia artesanal com a qual **imprimia livros de poetas brasileiros e espanhóis, além de seus próprios poemas.**

OBRAS:

Pedra do sono (1942); O engenheiro (1945); Psicologia da composição (1947); O cão sem plumas (1950); O no (1954); Paisagem com figuras (1956), Uma faca só lâmina (1956); A educação pela pedra (1966); Museu de tudo (1975); Auto do frade (1984); Agrestes (1985); Crime na Calle Relator (1987).

A POESIA DE JOÃO CABRAL

- *Objetividade na constatação da realidade*
- *Tendência ao surrealismo*
- *Temas relativos ao Nordeste*
- *Temas referentes à Espanha e a suas paisagens*
- *Temas referentes à arte – pintura: Miró, Picasso, Vicente Monteiro. E à literatura: Drummond, Cesário Verde, Augusto do Anjos, dentre outros*
- *Poesia construída com racionalidade, com cálculo, num evidente combate ao sentimentalismo choroso*
- *Linguagem enxuta, concisa, representativa do próprio falar do sertanejo*



- Principais obras: **O cão sem plumas, O rio e Morte e vida Severina** - mostram um **poeta mais diretamente voltado para a temática social**, analisando a realidade geográfica, humana e social do Nordeste.
- **Morte e vida Severina**, foi inicialmente encomendado pela escritora e dramaturga **Maria Clara Machado**. Por se tratar de uma peça em forma de poesia, é um poema narrativo também chamado de **Auto de Natal Pernambucano**, que trata da caminhada de um retirante - Severino - do sertão até a zona litorânea, em busca de condições para sobreviver à seca. **A semelhança com um auto natalino ocorre no final**, quando, ao **presenciar o nascimento de uma criança**, o retirante **renuncia à intenção de matar-se**.

Morte e Vida Severina (trecho)

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.

Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;

como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos

iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
* (...)

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpendo em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta; lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra; lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma.

A BAILARINA

A bailarina feita
de borracha e pássaro
dança no pavimento
anterior do sonho.

A três horas de sono,
mais além dos sonhos,
nas secretas câmaras
que a morte revela.

Entre monstros feitos
a tinta de escrever,
a bailarina feita
de borracha e pássaro.

Da diária e lenta
borracha que mastigo.
Do inseto ou pássaro
que não sei caçar.

Obrigada!

Prof.^a Marilene
Literatura